



Ano 2 | # 4 | edição bimestral | julho e agosto de 2009

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

MÉRITO - Crítica e convicção na obra do jornalista Bernardo Kucinski

Maria do Socorro Furtado VELOSO¹
Ticianne Maria Perdigão CABRAL²

RESUMO

Este artigo objetiva sistematizar as contribuições do jornalista, professor e pesquisador Bernardo Kucinski para o campo do jornalismo no Brasil. Pretende, ainda, contextualizar as experiências vividas por Kucinski nos meios alternativos e na grande imprensa desde a ditadura militar (1964-1985), e o modo como essas experiências deram ao jornalista condições de forjar uma sólida construção conceitual do campo. Outro objetivo é demonstrar de que maneira esses conceitos repercutem no debate de ordem ética que o professor propõe em sua extensa obra. Como procedimento metodológico, utiliza pesquisa bibliográfica e entrevista.

Palavras chaves: Imprensa brasileira, ética jornalística, Bernardo Kucinski

Introdução

Durante os 21 anos da ditadura militar instalada em 1964 no Brasil, dezenas de periódicos foram responsáveis por criar um espaço público alternativo no País. Mais do que simples canais de informação, esses jornais serviram como trincheiras de resistência ao regime. Para os pesquisadores dedicados ao estudo sistematizado das formas alternativas de imprensa durante o período ditatorial, é fundamental o conhecimento aprofundado da obra *Jornalistas e Revolucionários*. O livro, que teve sua primeira

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

² Graduanda do curso de Jornalismo da UFRN.

edição lançada em 1991 pela editora Scritta³, resultou de tese de doutoramento defendida naquele ano, na Universidade de São Paulo, pelo jornalista, professor e pesquisador Bernardo Kucinski.

O estudo realizado por Kucinski mapeia cerca de 150 periódicos surgidos entre 1964 e 1980. Em contraponto à complacência da grande imprensa para com o regime dos generais, diz o professor, “os jornais alternativos denunciavam sistematicamente as torturas e violações dos direitos humanos e faziam a crítica do modelo econômico. [...] Opunham-se por princípio ao discurso oficial” (KUCINSKI, 1991, p. XIII).

O jornalista Alberto Dines afirma ter criado a expressão *imprensa alternativa* em 1975, ao traduzi-la literalmente do inglês *alternative press*. Antes, falava-se em imprensa *underground* ou *nanica* (LINS DA SILVA, 1982, p. 151, apud VELOSO, 2008, p. 38). Kucinski tenta iluminar o debate em torno desses termos. Informa que a palavra *nanica*, quando referente a um modelo de imprensa, inspirou-se no formato tablóide dos jornais e foi popularizada principalmente por publicitários. “Enfatizava uma pequenez atribuída pelo sistema a partir de sua escala de valores e não dos valores intrínsecos à imprensa alternativa”, sugerindo “imaturidade” e “certo tratamento paternal” (KUCINSKI, 1991, p. XIII, apud VELOSO, 2008, p. 39).

É na expressão *alternativa*, contudo, que essa imprensa produzida em um contexto social e político específico, como foi o período militar, encontra quatro significados essenciais:

[...] o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída para uma situação difícil e, finalmente, o desejo das gerações dos anos 60 e 70, de protagonizar as transformações sociais que pregavam. (KUCINSKI, 1991, p. XIII)

No estudo publicado em 1991, o pesquisador se restringiu a um universo de veículos que tinham o aporte jornalístico como fator dominante, mesmo mantendo propósitos políticos e até partidários. Esses jornais possuíam redações e certa autonomia jornalística. “Mas naquela época existiam centenas de publicações, algumas até regulares, como boletins das comunidades eclesiais de base, que não tinham densidade jornalística”, observa⁴.

A história do Bernardo Kucinski neste cenário de surgimento e expansão de jornais sem vínculo com o poder dominante se confunde com sua forma alternativa de

³ Em 2003 o livro ganhou uma segunda edição, revista e ampliada, da Edusp.

⁴ Entrevista gravada, concedida por Bernardo Kucinski a Maria do Socorro Veloso em 18 de setembro de 2007, em São Paulo (SP).

ser. Mais do que compartilhar este mundo com personagens que dedicaram a vida à profusão de valores como verdade, liberdade e democracia, Kucinski construiu concepções sobre o jornalismo e sua ética durante os 21 anos de duração do regime militar, em meio às restrições impostas às atividades da imprensa. Esta somatória de reflexões, estudos e experiências formam o Kucinski crítico, ácido e convicto de hoje.

Utilizando-se de pesquisa bibliográfica e entrevista, este artigo tem por objetivo descrever a trajetória profissional do jornalista e professor nascido em 1937, em São Paulo. Esse percurso pela carreira de Bernardo Kucinski inclui seu envolvimento com a imprensa alternativa – também relatado em *Jornalistas e Revolucionários* -, e os estudos que promoveu sobre a práxis jornalística, especialmente relatados nas obras *Jornalismo Econômico* (1996), *A Síndrome da Antena Parabólica* (1998), *As Cartas Ácidas da Campanha de Lula de 1998* (2000) e *Jornalismo na Era Virtual* (2005).

Uma característica une esses trabalhos: o esforço das elites de poder para submeter jornais e jornalistas a interesses privados. No primeiro momento, a submissão era ao regime ditatorial, que cerceou a liberdade de expressão; no segundo, se impôs o modelo capitalista que transformou os veículos em fábricas de notícias, em meio a um acelerado ritmo de produção industrial.

1. Vocação para o jornalismo

O ano de 1966 foi um dos mais agitados da história do movimento estudantil brasileiro. Uma série de manifestações ocorridas em setembro daquele ano, conhecidas como “setembradas”, serviram de inspiração aos jovens na luta contra a ditadura. No ano seguinte, impulsionados pela revolução cubana, partidos e movimentos clandestinos ousaram nas estratégias revolucionárias, que tiveram seu ápice na luta armada.

Uma dessas estratégias foi a criação de uma *frente jornalística* que integrava vários partidos de esquerda e os unia em torno de um só jornal (KUCINSKI, 1991). A *frente jornalística* foi um instrumento de resistência e introduziu uma forma mais ampla de comunicação, representando a primeira fase da imprensa alternativa brasileira.

O primeiro jornal dessa frente foi *Amanhã*. Nascido no seio dos movimentos estudantis, o veículo tinha distribuição nacional e linguagem diversificada, não direcionada apenas a militantes partidários.

Estudante de Física da USP, Bernardo Kucinski era um jovem obstinado, com grande capacidade crítica e disposição para a luta. “Eu já fazia jornaizinhos escolares e

de organizações juvenis aos 14 anos. Meu caso é de jornalismo por vocação”, conta⁵. A convite do colega de curso Raimundo Rodrigues Pereira, Kucinski entrou para a equipe do *Amanhã* em 1967, como colaborador da seção de ciência.

Opondo-se ao discurso oficial da ditadura, os editores do jornal mantinham forte articulação com movimentos sociais que serviam não somente de fontes, mas também de parceiros nas denúncias de agressões aos direitos humanos e na crítica ao modelo econômico.

A inquietação típica da profissão, o senso crítico aguçado e a absoluta desconfiança da primeira verdade apurada foram características relevantes que influenciaram essa geração de jornalistas e revolucionários. “Tive a sorte de me tornar jornalista numa das fases de apogeu do jornalismo, durante os anos 60 e 70, quando era possível se apaixonar pela profissão”, afirma o professor⁶.

2. Entre os alternativos e a grande imprensa

Além dos jornais alternativos, havia espaço nos veículos da imprensa tradicional para o exercício do jornalismo crítico. Mas a decretação do Ato Institucional nº 5, em 13 de dezembro de 1968, pelo governo Costa e Silva, suprimiu a liberdade contestatória praticada na grande imprensa. Jornalistas mais combativos foram demitidos, redações fechadas e, rapidamente, a imprensa teve de se adaptar a uma nova situação imposta pela ditadura, calando-se diante das torturas e em muitos casos elogiando o governo e suas ações.

Veja, editada pela Abril, foi um dos últimos espaços a ceder à censura. Fundada em 1968 por Mino Carta, era uma revista formada por jornalistas jovens e voltada para a classe média. Após o lançamento desastroso, Raimundo Pereira se tornou peça chave da publicação à medida que conseguiu alavancar a vendagem fazendo uso de coberturas empolgantes como a da viagem do homem à Lua. Mais uma vez convidado por Raimundo, Bernardo Kucinski ajudou a revista em coberturas críticas que incomodavam os militares. Até que, no final de 1969, todos foram demitidos. Neste período, Kucinski escreveu junto com o jornalista e colega de redação Ítalo Tronca o livro *A violência militar no Brasil* (Masperó, 1972). A obra, publicada no México e na França, denunciava os casos de tortura dos quais os autores tinham conhecimento, mas que não podiam publicar em *Veja*. O relato é de Ítalo Tronca:

⁵ Entrevista concedida por Bernardo Kucinski a Maria do Socorro Veloso em 19 de setembro de 2008, por correio eletrônico.

⁶ Idem.

Eu e Bernardo Kucinski andávamos de olho nas longas tiras vomitadas semanalmente pelo teletipo (não havia computador na época nas redações), enviadas pelos correspondentes da revista nas principais capitais do país, relatando atrocidades praticadas pela repressão. Não podíamos publicar nada, tínhamos censores dentro da redação. [...] Ao que eu saiba, nunca fomos descobertos como autores. Se fôssemos, provavelmente não estaria aqui para contar essa história.⁷

Este período registra um episódio trágico na vida de Kucinski. Em 22 de abril de 1974 sua irmã, Ana Rosa Kucinski Silva, então com 32 anos, e seu cunhado, Wilson Silva, foram vistos pela última vez. A família impetrou vários habeas corpus e até fez um pedido de investigação à Comissão de Direitos Humanos da OEA (Organização dos Estados Americanos), mas nada conseguiu. Os militares alegavam desconhecimento do caso. As únicas provas materiais encontradas foram arquivos do Dops (Departamento de Ordem Política e Social) com a ficha de Ana Rosa, onde estava escrito: “presa no dia 22 de abril de 1974”. A ficha de Wilson Silva continha somente algumas informações pessoais.

Nos anos 70, a ditadura militar havia se consolidado. Mas o autoritarismo não anulou as vivências e inspirações da nova geração:

Compartilhavam [*jornalistas, intelectuais e ativistas políticos*], em grande parte, um mesmo imaginário social, ou seja, um mesmo conjunto de crenças, significações e desejos, alguns conscientes e até expressos na forma de uma ideologia, outros ocultos, na forma de um inconsciente coletivo. À medida que se modificava o imaginário social e com ele o tipo de articulação entre os jornalistas, intelectuais e ativistas políticos, instituíam-se novas modalidades de jornais alternativos. (KUCINSKI, 1991, p. XVI)

Órfãos da imprensa convencional, grandes jornalistas iniciaram um novo ciclo da imprensa alternativa, fundando jornais como *Bondinho* e *Opinião*. Bernardo Kucinski passou rapidamente por *Bondinho*, antes de se exilar voluntariamente em Londres, onde viveu entre 1971 e 1974. Nesse período, atuou no serviço brasileiro da BBC de Londres e TV BBC, e foi correspondente da *Gazeta Mercantil* e do *Opinião*.

O alternativo foi ideia do empresário Fernando Gasparian, que viu no jornal uma forma de contribuir para o desenvolvimento social e democrático do País. A amizade

⁷ Entrevista de Ítalo Tronca a Jardel Dias Cavalcanti. Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/colunistas/imprimir.asp?codigo=1060>. Acesso em: 30 de junho de 2009.

com Gasparian enriqueceu ainda mais as convicções democráticas de Kucinski e seu entendimento do jornalismo como forma de expressão libertária e conscientizadora da sociedade. Por indicação do amigo, o empresário escolheu Raimundo Pereira para liderar o projeto no Brasil, enquanto, em Londres, Bernardo Kucinski escrevia artigos e contribuía na formação de parcerias com grandes jornais europeus.

Opinião foi um divisor de águas na história da imprensa alternativa brasileira. Chegando às bancas em formato de tablóide em novembro de 1972, logo em suas primeiras edições supriu um vazio importante, ao fornecer conteúdo de alto nível a estudantes universitários, intelectuais e jornalistas. Bastante crítico, chegou a vender 38 mil cópias, mesmo sofrendo fortemente com a censura. O jornal tinha diagramação elegante e era ilustrado com desenhos. Não havia fotos. Inspirado em periódicos europeus, trazia artigos e reportagens de jornalistas estrangeiros e abordava temas como dívida externa e distribuição de renda, nunca antes mencionados pela imprensa convencional, e mesmo a alternativa.

Raimundo Pereira possuía articulações secretas com a Ação Popular e, depois, com o PC do B. Essas ligações tinham certa influência sobre a linha editorial do jornal, mas nada que demonstrasse ao leitor engajamento político claro com o partido, mesmo porque não era este o desejo de Fernando Gasparian. O empresário temia a instrumentalização do veículo.

Em 1975, após o fechamento de *Opinião*, Raimundo Pereira lançou *Movimento*. Tratava-se de um jornal diversificado, com colunas opinativas, contistas e uma seção destacada para a cultura. O jornal reuniu ativistas políticos soltos da cadeia pela ditadura ou que retornavam do exterior, entre eles Kucinski, virando um espaço sócio-político onde transitavam diversas ideologias. No entanto, essa aglutinação de diferentes grupos políticos levou a uma divisão da equipe. Surgiu, então, o jornal *Em Tempo*.

Com a primeira edição publicada em abril de 1977, *Em Tempo* vivenciou um período de desmoralização da ditadura militar. Editado em formato standard, trazia manchetes fortes, e uma linguagem clara e bem humorada. Suas matérias faziam campanhas a favor da anistia e chegou a publicar uma lista, elaborada pelos próprios presos, de 233 torturadores.

Responsável pela proposta editorial do jornal, Bernardo Kucinski criou editorias descentralizadas, dando autonomia aos editores e abertura aos demais integrantes da redação, que possuíam amplo espaço na decisão das pautas. O modelo de autogestão e de ausência de hierarquia representava um experimentalismo dentro daquele jornal alternativo que buscava, principalmente, fugir de infiltrações partidárias. Com isso,

Kucinski esperava acabar com as disputas políticas e ideológicas frequentes nas redações e criar um espírito de colaboração democrática que os jornalistas tanto almejavam como forma de governo.

No entanto, embalada por resquícios das lutas partidárias, a assembléia fundadora do jornal já foi tensa e marcada por brigas ideológicas, o que tornou difícil a manutenção de um ambiente de confiança mútua e de um projeto que fosse independente de partidos. Três meses depois Kucinski pediu demissão e permaneceu somente como colaborador, produzindo reportagens políticas. Pouco tempo depois, a situação ficou tão complicada que até mesmo suas matérias foram abolidas, acusadas de ausência de espírito crítico, levando-o ao afastamento completo de *Em Tempo*.

Para Kucinski, “a imprensa alternativa dos anos 70 pode ser vista, no seu conjunto, como sucessora da imprensa panfletária dos pasquins e da imprensa anarquista, na função social de criação de um espaço público reflexo, contra-hegemônico” (1991, p. XXI). No apogeu, entre os anos de 1975 e 1977, circulavam simultaneamente oito grandes alternativos, somando até 160 mil exemplares por semana.

Além da atuação em *Movimento* e *Em Tempo*, o jornalista continuou ligado à grande imprensa durante o regime militar. Entre 1975 e 1981, trabalhou como editor de “commodities” da *Gazeta Mercantil*, e foi correspondente no Brasil do jornal *The Guardian*, da revista *Euromoney*, e do boletim *Latin America Political Report*, todos de Londres.

A experiência no *Guardian* está relatada por Kucinski em “Correstrangeiros”, artigo que compõe o livro *O Brasil dos Correspondentes* (2008). No texto, o jornalista conta que, por ser brasileiro, tinha um olhar diferente daquele que movia os jornalistas estrangeiros instalados no Brasil. “A agenda deles era de índios, miséria, prostituição, favelas, destruição da Amazônia, corrupção, perseguições políticas. Temas importantes, mas muito marcados pelos clichês do terceiro-mundismo” (KUCINSKI, 2008, p. 39). Como correspondente, porém, Kucinski não se importava “nem um pouco” com índios ou com a devastação da Amazônia. “Acompanhava mais de perto o visível crescimento da insatisfação social, o surgimento das grandes greves no ABC, o agravamento da crise da dívida externa e da inflação; a luta intestina no meio militar entre geiselistas e a linha dura” (KUCINSKI, 2008, p.40).

3. Vivência no jornalismo econômico

Bernardo Kucinski naturalmente envolveu-se com as notícias voltadas para a área econômica desde que iniciou sua atuação no jornalismo alternativo, ainda como estudante de Física da USP, em 1967. Como a economia passava por uma séria crise devido às orientações e decisões erradas tomadas pela ditadura militar, era comum que este assunto estivesse constantemente em pauta não somente na cobertura dos jornais alternativos, mas em todos que faziam oposição ao regime.

Foi durante o exílio voluntário em Londres que Kucinski aprendeu a acompanhar os jornais que influenciam boa parte do mundo na área econômica, os quais, segundo ele, todo jornalista que deseja se especializar no campo deve acompanhar: *New York Times*, *Washington Post*, *Le Monde*, *The Guardian*, *Financial Times* e *Wall Street Journal*, assim como as revistas *The Economist* e *Times*.

Além de editor de *commodities* do jornal *Gazeta Mercantil*, Kucinski produziu cadernos especiais para a revista *Exame* e publicou livros relacionados à economia - *Abertura, história de uma crise* (1976), *O que são multinacionais* (1981) e *A ditadura da dívida* (1987), este em parceria com Sue Branford.

Considerado pelo próprio autor como sua mais importante obra, o livro *Jornalismo Econômico*, de 1996, traz uma perspectiva crítica sobre o tema após anos de vivência profissional e estudos dedicados à área. Vencedor do Prêmio Jabuti, começou a ser escrito em 1992, durante o pós-doutorado de Kucinski em Londres. A necessidade de um livro que analisasse a cobertura da mídia e, além disso, explicasse o sistema econômico complexo era latente. *Jornalismo Econômico* cobre essa lacuna, trazendo a marca típica do autor: a criticidade. Em artigo intitulado “Os paradoxos do jornalismo econômico”, ele afirma:

À medida que o Brasil foi sendo governado por pacotes – ou desgovernado – o jornalismo econômico foi ocupando mais e mais espaço nos nossos meios de comunicação, especialmente na mídia impressa, até se construir em núcleo organizador do noticiário. De legitimadora da política, numa inversão ética agravada pela natureza dessa economia, voltada não à satisfação do homem, e sim às necessidades de acumulação de capital. (KUCINSKI, 1997)⁸

Entre os governos Itamar Franco (1992-1994) e Fernando Henrique Cardoso (1995- 2002) aconteceram as maiores mudanças estruturais na economia do País até então. A implantação do Plano Real, privatizações, empréstimos estrangeiros e câmbio flutuante foram alguns dos assuntos que permeavam o noticiário brasileiro na época. Mesmo com tantos temas relevantes, complexos e polêmicos, Kucinski argumenta no

⁸ Disponível em <http://www.adusp.org.br/revista/12/r12a03.pdf>. Acesso em 26 de agosto de 2009.

livro que a cobertura da grande mídia era homogênea - as fontes utilizadas reproduziam o discurso oficial do governo – e difícil, o que distanciava a economia do grande público e o mantinha desinformado, apesar do grande número de informações.

Outro aspecto discutido pelo autor é o papel ideológico assumido pelo jornalismo econômico. Quando a cobertura midiática passou não mais a explicar e sim a defender o projeto neoliberal, os cadernos de economia se transformaram, propositalmente, em disseminadores de ideologias pró-globalização baseadas em um falso espírito de desenvolvimento:

Houve uma *ideologização da imprensa*, no sentido de uma insistência em afirmações dogmáticas, a recusa generalizada em lidar com fatos e a tentativa de desclassificação dos críticos do neoliberalismo [...]. Na era neoliberal o jornalismo econômico se torna quase que um “aparelho ideológico do Estado”. (KUCINSKI, 1996, p. 188)

Para o jornalista, a desigualdade social, a ausência de uma moeda forte e a falta de acúmulo de capital para sustentabilidade industrial são os três paradoxos que marcam a economia brasileira, os quais constituem-se heranças históricas do período da dependência colonial do Brasil. Essa dependência, antes colonial e agora externa, é o que norteia a análise da estrutura econômica brasileira no livro *Jornalismo Econômico*.

4. Aproximação com o PT

Foi num contexto de crise econômica, inflação e recessão que se deu a aproximação entre Bernardo Kucinski e o Partido dos Trabalhadores. O agravamento da crise, no final dos anos 1970, fortaleceu os movimentos sindicais e os partidos de esquerda. Operários, principalmente do ABC paulista, liderados por Luiz Inácio Lula da Silva, reivindicavam mudanças sociais, econômicas e políticas em históricas greves e comícios, quando qualquer tipo de manifestação pública ainda era inaceitável.

O marco da presença de Kucinski no PT começou com sua disposição em escrever as chamadas Cartas Ácidas. Dirigidas a Lula durante a eleição presidencial de 1998, as cartas eram análises críticas das principais matérias publicadas nos jornais, de forma a orientar o candidato sobre os temas mais debatidos na mídia e o modo como esta pautava a campanha petista. O relato é de Lula:

Toda vez que eu ia conversar com alguém, eu estava mais ou menos vacinado pelas Cartas Ácidas, inclusive com relação às perguntas que iam ser feitas, e muitas vezes até discutíamos antes como nos comportar diante de determinadas provocações. [...] Para fazer as cartas ácidas era preciso alguém que não só tivesse consciência do

papel do jornalismo na política nacional, mas que tivesse capacidade para fazer uma análise ideológica do conteúdo dessas matérias jornalísticas durante uma campanha eleitoral. (KUCINSKI, 2000, p. 12)

Na campanha de 2002 as cartas ainda estavam lá, mas tiveram o nome mudado de “ácidas” para “críticas”. Com a vitória de Lula, Kucinski se ligou ao governo como assessor especial da Secretaria de Comunicação da Presidência (Secom) e continuou com as análises que, agora, eram direcionadas também a ministros. “Por que ácidas? Porque eu sou ácido, mal-humorado, reclamão, sempre de cara fechada. ‘Se você passar uma toalha no Kucinski e depois espremer, aposto que sai vinagre’, disse uma vez o Lula” (KUCINSKI, 2000, p. 16).

Mesmo ligado à Presidência, Kucinski manteve a acidez, criticando abertamente o governo e sua forma de se relacionar com a mídia. Tais declarações geravam pressões por sua demissão. O jornalista permaneceu na assessoria presidencial até 2006. Afastado do governo, ele reitera as críticas ao modo como a imprensa de massa cobre o governo Lula:

Historicamente a grande imprensa brasileira, por suas origens oligárquicas, sempre se colocou contra os governos que chama de “populistas”. No caso de Lula, além da componente ideológica incidiu a recusa em aceitar a autoridade de alguém originário das classes subalternas. Os jornalistas, identificados com a elite, vendo-se mesmo como uma elite, alinharam-se como bloco social a essa postura do patronato. A grande imprensa passou a colocar como objetivo combater o governo Lula, não explicar o governo ou fazer sua crítica. E quanto mais bem sucedido o governo Lula foi se mostrando, mais a grande imprensa sentiu a necessidade de combatê-lo.⁹

Em *A síndrome da antena parabólica* (1998), Kucinski faz uma profunda análise da imprensa brasileira, vista por ele como a “imagem reflexa da estrutura da propriedade agrária, na qual, em cada macrorregião, poder e prestígio são disputados por [...] famílias já envoltas numa cultura de rivalidade e vendeta” (p.25). Para o professor, os jornais são conduzidos como uma grande propriedade familiar, onde o exercício do poder é tão importante quanto o lucro:

Mantêm-se os métodos, valores e mentalidades dos mandatários iniciais da colonização brasileira. Num sistema baseado na lealdade do jornalista aos proprietários e no poder discricionário desse proprietário, o favoritismo editorial e as preferências familiares

⁹ Entrevista concedida por Bernardo Kucinski a Maria do Socorro Veloso em 19 de setembro de 2008, por correio eletrônico.

prevalecem frequentemente sobre o critério abstrato do interesse público, e até do interesse de classe. (KUCINSKI, 1998, p. 25-26, apud VELOSO, 2008, p.88)

Na obra, também constata que nos anos 90 surgiram publicações alternativas inspiradas no mesmo imaginário da imprensa contra-hegemônica da fase ditatorial. Fazendo referência a publicações como *Caros Amigos*, de São Paulo, e *Jornal Pessoal*, editado no Pará por Lúcio Flávio Pinto, diz tratar-se de iniciativas realizadas pelos “mesmos criadores de antes, movidos por teimosia, por convicção ou falta de alternativa” (KUCINSKI, 1998, p. 197).

5. Na redemocratização, o desafio da academia

Entre 1981 e 1986, Bernardo Kucinski foi correspondente no Brasil da *Lagniappe Letter*, de Nova York, e editor de cadernos especiais da revista *Exame*, do Boletim Nacional do PT e da revista *Ciência Hoje*. Em 1986, um ano após o fim da ditadura, ingressou na carreira acadêmica como professor de Jornalismo da Universidade de São Paulo. Quando entrou na Escola de Comunicações e Artes (ECA), Kucinski tinha 49 anos de idade e 25 de jornalismo profissional. O doutorado, que resultou no livro *Jornalistas e Revolucionários*, foi iniciado em 1988.

Ao me tornar professor e pesquisador, continuei colaborando com jornais e revistas do Brasil e do exterior, embora obviamente com muito menos intensidade e mais centrado na crítica de mídia, como uma contribuição da academia ao mercado. Ao ser aposentado compulsoriamente, por idade [*o que ocorreu em 2007*], apenas diversifiquei um pouco meus escritos.¹⁰

Kucinski fez o pós-doutorado em 1992 no Institute of Latin American Studies, da Universidade de Londres. Em 1996 ingressou no quadro de docentes da pós-graduação da ECA/USP e em 2000 foi aprovado em concurso para professor titular.

Sua passagem pela USP foi tumultuada, no início: “(...) deu-se um choque entre a importância que eu atribuía ao jornalismo e a postura dominante na academia, inspirada na escola da Frankfurt, de desqualificação do jornalismo”. Da mesma forma, a “pedagogia do choque existencial” que aplicou no *Jornal do Campus*, estimulando alunos a enfrentarem os poderosos, criou muitos problemas. “Tanto assim que fiz o

¹⁰ Entrevista concedida por Bernardo Kucinski a Maria do Socorro Veloso em 19 de setembro de 2008, por correio eletrônico.

doutorado para obter minha ‘cidadania acadêmica’, pois corria o risco de não ter meu contrato renovado”, relata¹¹.

Bernardo Kucinski lecionou para uma nova geração de alunos que não sofreram com a ausência de liberdade de expressão imposta pela ditadura, condição que levou o professor a refletir sobre os novos parâmetros da imprensa. Em entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos, afirmou:

Meus contatos mais recentes com estudantes não mostram mudança em relação aos últimos anos, dominados pela ética neoliberal do cada um por si, Deus por todos. Ainda predomina entre os jovens a preocupação com o emprego; a busca do sucesso pessoal num ambiente bastante adverso. Além disso, a função do jornalismo está se diluindo num mundo cada vez mais integrado e multifacetado de comunicação-entretenimento, o que enfraquece a demarcação ética do jornalismo.¹²

Para o professor e pesquisador, a preocupação com a garantia de emprego é um dos principais males que o sistema neoliberal gera à atividade jornalística. A partir dessa premissa, valores primordiais para a profissão, como a busca pela verdade, ficam em segundo plano.

Predominam no homem comum, estratégias de defesa e de sobrevivência baseadas na dissimulação dos riscos, tais como a subserviência, a omissão, a não-explicitação de opiniões públicas, a ausência de auto-estima e, especificamente entre jornalistas, a autocensura e a renúncia à autonomia intelectual em troca de um maior conforto funcional. (KUCINSKI, 1998, p. 18)

No artigo “Do discurso da ditadura à ditadura do discurso – Dez paradoxos do jornalismo neoliberal”, presente no livro *Jornalismo na Era Virtual* (2005), o professor identifica como primeiro paradoxo dessa imprensa a falta de um mercado de idéias: “No espaço midiático que deveria acontecer esse intercâmbio de idéias, deu-se no Brasil a uniformização ideológica” (KUCINSKI, 2005, p. 114).

Esta obra traz um texto que sintetiza, como poucos, as preocupações de Kucinski com a qualificação ética dos estudantes de jornalismo: intitulado “Uma nova ética para uma nova era”, foi apresentado pela primeira vez em abril de 2002, durante a conferência de abertura do V Fórum Nacional de Professores de Jornalismo. No artigo, Kucinski constata a existência de um “vazio ético” nas redações brasileiras, onde se deu

¹¹ Idem.

¹² Disponível em http://www.jhu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=13175. Acesso em: 27 de junho de 2009.

a “rendição generalizada aos ditames mercantilistas ou ideológicos dos proprietários dos meios de informação” (2005, p. 17). Esse novo ambiente, diz o professor, é adequado aos valores do neoliberalismo e foi fundamental para sua consolidação. Por essa razão, impõe-se o desafio da construção de uma “ética jornalística em tempos pós-modernos, [...] pertinente, que não paire no ar, descolada dos jovens, como uma mera cobrança de culpas que eles nem sequer reconhecem” (KUCINSKI, 2005, p. 22).

Algumas vezes em contido tom de ironia, o professor enumera uma série de valores, como *tolerância* e *sucesso pessoal*, e outros aportes possíveis, como *direitos de consumidor* e *assédio moral*, para a instauração dessa nova ética jornalística compatível com os tempos modernos.

Nos momentos de maior desespero ético, tenho apelado junto a meus alunos para o mais puro individualismo. Pergunto: vocês querem ser mais jornalistas medíocres no meio dessa massa de jornalistas que nunca fará nada de importante na vida? Provoco seu brio. Machuco sua auto-estima. [...] É um argumento cativante porque parte da mentalidade existente, fundada na idéia de sucesso pessoal, de vencer na vida, chegando de modo natural à concepção do grande jornalista, ou seja, do bom jornalista. E um bom jornalista é, necessariamente, um jornalista ético. (KUCINSKI, 2005, p. 25)

6. O lugar do alternativo na internet

Atualmente Bernardo Kucinski é colaborador da Revista do Brasil (www.revistadobrasil.net), veículo que, a exemplo de *Caros Amigos* e do *Jornal Pessoal*, tenta de alguma forma se inspirar no “espaço público reflexo e contra-hegemônico” (KUCINSKI, 1991, p. XXI) criado pelos jornais alternativos nos anos 60 e 70. Ainda que sofrendo com problemas antigos como a ausência de verbas, esses canais são referências na ampliação de novas correntes do pensamento e do fazer jornalístico no Brasil.

A internet, afirma o professor, é o meio por excelência para a disseminação de veículos alternativos: “Qualquer pessoa pode escrever, ter seu blog, seu site, seu jornal, seu boletim, com baixíssimo custo e altíssima penetração. É um mundo novo que se abriu”¹³. Ele considera a rede extraordinária por ter implodido o conceito de comunicação de massa e de comunicação pessoal: “[...] é tudo ao mesmo tempo, e certamente [tem] um forte componente alternativo”.

¹³ Entrevista gravada, concedida por Bernardo Kucinski a Maria do Socorro Veloso em 18 de setembro de 2007, em São Paulo (SP).

Kucinski está fora da grande imprensa desde os anos 80, e atribui esse afastamento à sua condição de outsider, que ele assim define:

Os outsiders são figuras típicas de sistemas autoritários e podem estar nos mais diferentes campos: no jornalismo, no cinema, no serviço público. Na imprensa, costumeiramente gozam da admiração do patronato, mas não de sua plena confiança, porque são profissionais que rejeitam a imposição de limites editoriais. Por essa razão, acabam afastados dos grandes veículos – para os quais, no máximo, passam a trabalhar como colaboradores eventuais.¹⁴

Considerações finais

As redações da imprensa alternativa nos anos 60 e 70 do século passado eram formadas por jovens como Bernardo Kucinski: contestadores, com disposição e inquietude. Sua vivência nesse ambiente foi intensa, criativa e teve grande repercussão na construção de seus princípios profissionais.

Kucinski ajudou a combater a ditadura na condição de jornalista, partiu para o exílio voluntário e viu desaparecerem amigos e familiares que, como ele, não se intimidaram diante do regime e atuaram na defesa da liberdade de informação e de expressão. Sua trajetória na imprensa, especialmente a alternativa, a carreira acadêmica e a vasta obra que produziu devem ser conhecidas pelas novas gerações face à revelância das experiências, reflexões e conceitos que fornecem.

Em 1998, no livro *A Síndrome da Antena Parabólica*, Kucinski afirmou: “Eu ainda acredito no jornalismo. Tento refletir sobre a nossa prática com o objetivo de aprimorá-la em benefício da qualidade da nossa democracia e do interesse público – e o do próprio jornalismo, que continua a ser uma profissão fascinante” (p. 12). A nova era e sua ética neoliberal, no entanto, parecem ter reforçado a conhecida acidez do jornalista. Em artigo publicado em fevereiro de 2006, na Agência Carta Maior, ele já não demonstrava a esperança de antes: “O jornalismo desaparecerá e não deixará ferramentas e utensílios como provas de que existiu, porque ele não se define por uma técnica. Ele define-se por uma ética, e ética não é algo material, que deixe pedaços enterrados no chão”.

¹⁴ Entrevista gravada, concedida por Bernardo Kucinski a Maria do Socorro Veloso em 18 de setembro de 2007, em São Paulo (SP).

Referências

CAVALCANTI, Jardel Dias. Jornalismo e História: entrevista com Ítalo Tronca. Digestivo Cultural. Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/colunistas/imprimir.asp?codigo=1060>. Acesso em: 30 de junho de 2009.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO EREMIAS DELIZOICOV. Dossiê – Mortos e desaparecidos políticos no Brasil. Ana Rosa Kucinski Silva. Disponível em: <http://www.desaparecidospoliticos.org.br/pessoa.php?id=51&m=3>. Acesso em: 02 de julho de 2009.

_____. Dossiê – Mortos e desaparecidos políticos no Brasil. Wilson Silva. Disponível em: <http://www.desaparecidospoliticos.org.br/pessoa.php?id=389&m=3>. Acesso em: 02 de julho de 2009.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. O Jornalismo estrito senso se diluiu. As grandes transformações da mídia. Entrevista especial com Bernardo Kucinski. Disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=13175. Acesso em: 27 de junho de 2009.

KUCINSKI, Bernardo. “Correstrangeiros”. In: ROCHA, Jan; MILZ, Thomas; GOYZUETA, Verônica (orgs.). *O Brasil dos Correspondentes*. São Paulo: Mérito, 2008. p. 35-45.

_____. *Jornalismo na Era Virtual: ensaios sobre o colapso da razão ética*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

_____. *As Cartas Ácidas da Campanha de Lula de 1998*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

_____. *A Síndrome da Antena Parabólica: ética no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

_____. *Jornalismo Econômico*. São Paulo: Edusp, 1996.

_____. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991.

_____. *Os paradoxos do Jornalismo Econômico*. Revista Adusp, dezembro de 1997. Disponível em <http://www.adusp.org.br/revista/12/r12a03.pdf>. Acesso em 26 de agosto de 2009.

_____. Jornalismo, profissão em extinção. Carta Maior, 15 fevereiro de 2006. Disponível em: http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=10021. Acesso em 15 de maio de 2009.

LINS DA SILVA, Carlos E. *Comunicação, hegemonia e contra-informação*. São Paulo: Cortez; Intercom, 1982.

VELOSO, Maria do Socorro Furtado. *Imprensa, poder e contra-hegemonia na Amazônia: 20 anos do Jornal Pessoal (1987-2007)*. Tese de doutorado. São Paulo: ECA/USP, 2008.

Entrevistas

KUCINSKI, Bernardo. Concedida a Maria do Socorro Veloso em 19 de setembro de 2008 (correio eletrônico).

_____. Concedida a Maria do Socorro Veloso em 18 de setembro de 2007, em São Paulo (gravação).